

ESFINGÍDEOS (LEPIDOPTERA, SPHINGIDAE) DEPOSITADOS NA COLEÇÃO DO MUSEU ENTOMOLÓGICO CESLAU BIEZANKO

ANDREZA DE ÁVILA LAUTENSCHLEGER¹; LIS BACCHIERI DUARTE CAVALHEIRO²; JEFERSON VIZENTIN-BUGONI³; JULIANA CHAGAS⁴; CRISTIANO AGRA ISERHARD⁵

¹ Universidade Federal de Pelotas – andrezaalauten@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – lisbdc@hotmail.com

³ Universidade Estadual de Campinas – jbugoni@yahoo.com.br

⁴ Universidade Federal de Pelotas – julianaschagass@hotmail.com

⁵ Universidade Federal de Pelotas - cristianoagra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

As coleções científicas são resultado de coletas fortuitas e de inventários biológicos fornecendo informações sobre a distribuição das espécies espaço-temporalmente. Considerando a grande representatividade dos insetos na maioria dos ecossistemas, as coleções entomológicas são ferramentas úteis na descrição e compreensão da biodiversidade. Quando coletados e armazenados de forma correta, os espécimes podem durar centenas de anos, perpetuando a história da biodiversidade de um local (MARINONI et al. 2005).

Lepidópteros são bem representados em coleções e as mariposas da família Sphingidae são amplamente distribuídas em quase todos os continentes (D'ABRERA 1986) e conhecidas por sua grande eficiência como polinizadores, sendo nectarívoras e com hábitos noturnos quando adultas (RECH et al. 2014). Existem mais de 1.200 espécies descritas (KITCHING & CADIOU 2000), e no Rio Grande do Sul são conhecidas 84 espécies (SPECHT et al. 2008). Porém, ainda existem lacunas sobre a real distribuição destes insetos no Estado.

A interação de polinização planta-esfingídeo vem sendo utilizada há mais de um século como modelo para discussão de teorias evolutivas e ecológicas. Estudos sobre a esfingofauna são importantes para a compreensão das adaptações entre flores e polinizadores, e como essas estão relacionadas à otimização do processo (RECH et al. 2014). A realização de inventários e revisão de coleções científicas sobre esfingídeos são fundamentais para preencher as lacunas no conhecimento sobre sua riqueza, distribuição e interações ecológicas.

O presente trabalho tem como objetivos (i) realizar um levantamento de Sphingidae do Museu Entomológico Ceslau Biezanko da UFPel, visando ampliar o conhecimento destes insetos ocorrentes no Rio Grande do Sul, e (ii) organizar e disseminar as informações sobre esses animais contidas na referida coleção.

2. METODOLOGIA

O levantamento taxonômico e a revisão dos exemplares de Sphingidae coletados no Rio Grande do Sul foram compilados a partir de visitas a coleção de Lepidoptera, pertencente ao Museu Entomológico Ceslau Biezanko, UFPel. Foi consultado o trabalho de Specht et al. (2008) para verificar novos registros para o Estado, e para conferir a nomenclatura dos exemplares.

Foram avaliadas 18 caixas entomológicas com material de Sphingidae com dados coletados entre os anos de 1930 à 2000. As informações dos espécimes obtidas foram organizadas em planilha eletrônica no programa Microsoft Excel 2010, visando a formação de um banco de dados e a geração de uma listagem de espécies de esfingídeos com registros de coleta e informações taxonômicas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram listadas 53 espécies de Sphingidae coletadas no Rio Grande do Sul, distribuídas nas subfamílias Macroglossinae e Sphinginae (Tabela 1). A primeira apresentou 35 espécies e a segunda 18 espécies. Foram registradas ocorrências em 20 municípios do Estado, sendo Pelotas com o maior número de registros (42 espécies), seguido de Guarani das Missões com 17 e de Santa Maria com 11. A maior representatividade de Sphingidae em Pelotas e arredores (em torno de 80% das espécies) é esperada, pois grande parte das coletas foram realizadas por pesquisadores associados a UFPel, configurando-se em um importante centro de pesquisa para lepidópteros no extremo sul do Rio Grande do Sul.

A coleção do Museu Entomológico Ceslau Biezanko representa em torno de 63% da fauna de esfingídeos registrada para o Rio Grande do Sul. Apesar da coleção de Sphingidae contar com registros de relativamente poucos municípios, seis espécies são novas ocorrências para o Estado (Tabela 1), indicando as lacunas de conhecimento existente sobre estes insetos no sul do Brasil, e a necessidade de compilação e divulgação de dados de coleções científicas.

Tabela 1. Lista de espécies de Sphingidae registradas no Rio Grande do Sul a partir de dados compilados da coleção de Lepidoptera do Museu Entomológico Ceslau Biezanko. * indicam registros novos para o Estado.

Família/ Subfamília/Espécie	Município	Família/ Subfamília/Espécie	Município
Sphingidae		Sphingidae	
Macroglossinae		Macroglossinae	
<i>Aellopos fadus</i> (Cramer, 1775)	11	<i>Phryxus caicus</i> (Cramer, 1777)	11; 12
<i>Aellopos tantalus</i> (Linnaeus, 1758)	8; 11	<i>Xylophanes anubus</i> (Cramer, 1777)	4; 11
<i>Aellopos titan</i> (Cramer, 1777)	8; 11	<i>Xylophanes chiron</i> (Drury, 1771)	11
<i>Callionima grisescens</i> (Rothschild, 1894)*	15	<i>Xylophanes chiron orury</i> (Drury, 1771)	11
<i>Callionima innus</i> (Rothschild & Jordan, 1903)	11	<i>Xylophanes pistacina</i> (Boisduval, 1875)*	15
<i>Callionima nomius</i> (Walker, 1856)	5; 8; 11	<i>Xylophanes pluto</i> (Fabricius, 1777)	16
<i>Callionima parce</i> (Fabricius, 1775)	7; 15; 18	<i>Xylophanes tersa</i> (Linnaeus, 1771)	11
<i>Enyo caviifer</i> (Rothschild & Jordan, 1903)*	8	<i>Xylophanes titana</i> (Druce, 1878)	8; 11
<i>Enyo gorgon</i> (Cramer, 1777)	8; 11	Sphinginae	
<i>Enyo lugubris</i> (Linnaeus, 1771)	11	<i>Agrius cingulata</i> (Fabricius, 1775)	11
<i>Erinnyis alope</i> (Drury, 1770)	11; 12	<i>Amphonyx lucifer</i> (Rothschild & Jordan, 1903)*	14; 15
<i>Erinnyis ello</i> (Linnaeus, 1758)	11	<i>Adhemarius gannascus</i> (Stoll, 1790)	8; 9; 11
<i>Erinnyis lassauxii</i> (Boisduval, 1859)	11	<i>Cocytius antaeus</i> (Drury, 1773)	11
<i>Erinnyis obscura</i> (Fabricius 1775)	8; 11	<i>Lintneria justiciae</i> (Walker, 1856)*	11
<i>Erinnyis oenotrus</i> (Cramer, 1780)	8; 11; 15	<i>Manduca albiplaga</i> (Walker, 1856)	8
<i>Eumorphia fasciatus</i> (Sulzer, 1776)	1; 4; 11	<i>Manduca armatipes</i> (Rothschild & Jordan, 1916)	11; 15
<i>Eumorphia labruscae</i> (Linnaeus, 1758)	4; 11	<i>Manduca diffissa</i> (Butler, 1871)	11
<i>Eumorphia analis</i> (Rothschild & Jordan, 1903)	4; 11; 19	<i>Manduca diffissa petuniae</i> (Boisduval, 1875)	11
<i>Eumorphia vitis</i> (Linnaeus, 1758)	11; 20	<i>Manduca florestan</i> (Stoll, 1782)	11
<i>Hyles euphorbiae</i> (Linnaeus, 1758)	8; 11; 15	<i>Manduca incisa</i> (Walker, 1856)	4; 8; 11
<i>Hemeroplanes longistriga</i> (Rothschild & Jordan, 1903)*	2	<i>Manduca lucetius</i> (Cramer, 1780)	4; 11
<i>Madoryx bubastus</i> (Cramer, 1777)	12; 15	<i>Manduca rustica</i> (Fabricius, 1775)	3; 8; 11
<i>Nyceryx alophus</i> (Boisduval, 1875)	8; 11	<i>Manduca sexta paphus</i> (Cramer, 1779)	4; 11
<i>Pachylia ficus</i> (Linnaeus, 1758)	6; 11	<i>Neococytius cluentius</i> (Cramer, 1776)	10; 11
<i>Pachylia syces</i> (Hubner, 1819)	6; 11	<i>Orecta lycidas eos</i> (Burmeister, 1878)	15; 17
<i>Pachylioides resumens</i> (Walker, 1856)	11; 13; 15	<i>Orecta lycidas lycidas</i> (Boisduval, [1875])	15
<i>Perigonia lusca</i> (Fabricius, 1777)	8; 11	<i>Protambulyx strigilis</i> (Linnaeus, 1771)	8; 11

1. Alecrim; 2. Aratiba 3. Camaquã; 4. Capão do Leão; 5. Caxias do Sul; 6. Conceição do Arroio; 7. Dois Irmãos; 8. Guarani das Missões; 9. Jaboticaba; 10. Lajeado; 11. Pelotas; 12. Porto

Alegre; 13. Rio Grande; 14. Santa Cruz do Sul; 15. Santa Maria; 16. São Leopoldo; 17. São Lourenço do Sul; 18. Seberi; 19. Sobradinho; 20. Veranópolis.

4. CONCLUSÕES

A compilação das informações contidas no Museu Entomológico Ceslau Biezanko através da elaboração da listagem de espécies permitiu a ampliação do conhecimento sobre a diversidade e distribuição de Sphingidae ocorrentes no Rio Grande do Sul. Além disso, a adição de novas espécies para esta listagem indica o quão ainda é incipiente o conhecimento sobre a fauna de mariposas no Estado. Tais resultados não só contribuirão para a disseminação das informações contidas nesta coleção científica, mas também servirão como referência para pesquisas futuras, envolvendo macroecologia, ecologia de comunidades e interações ecológicas dos esfingídeos no extremo sul do Brasil.

Pretende-se, a partir de agora, focar nas espécies de Sphingidae ocorrentes em Pelotas e Capão do Leão visando investigar as redes de interações de polinização planta-esfingídeo. Além disso, será realizada a avaliação da variação desta fauna ao longo do tempo e a composição e estruturação de suas comunidades através da disponibilidade das plantas polinizadas por estes insetos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'Abrera, B. **Sphingidae Mundi. Hawk moths of the world.** Faringdon, UK E. W. Classey Ltd., Oxon, 1986.

Kitching, I.J. & Cadiou, J.M. **Hawkmoths of the world an annotated and illustrated revisionary checklist (Lepidoptera: Spingidae).** Cornell University Press, New York. 2000.

LOPES, A.V. Esfingídeos. In: PÔRTO, K.C CORTEZ, J.S.A TABARELLI, M. **Diversidade Biológica e Conservação da Floresta Atlântica ao Norte do Rio São Francisco.** Brasília, DF. Ministério do Meio Ambiente. 2005. Cap 11, p. 229-235.

Kitching, I.J. & Cadiou, J.M. **Hawkmoths of the world an annotated and illustrated revisionary checklist (Lepidoptera: Spingidae).** Cornell University Press, New York. 2000.

MARINONI, L., MELO, G.A., ALMEIDA L.M., COURI, M.S., GRAZIA, J. Coleções Entomológicas Brasileiras-estadoda-arte e perspectivas para dez anos. **Centro de Gestão e Estudos Estratégicos Ciência, Tecnologia e Inovação.**

RECH, A.R., AGOSTINI, K., OLIVEIRA, P.E., MACHADO. **Biologia da Polinização.** Rio de Janeiro: Editora Projeto Cultural, 2014. 1v.

SPECHT, A., BENEDETTI, A.J., CORSEUIL, E. Esfingídeos (Lepidoptera, Sphingidae) Registrados no Rio Grande do Sul, Brasil. **BIOCIÊNCIAS**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 15-18, 2008.